

NA ESPLANADA

Quem quer ser herói da Pátria?

Durante o governo Lula, aumenta o ritmo de escolha de homenageados pelo Congresso no *Livro de aço*

Os selecionados

O Brasil tem 17 heróis, mas apenas 10 estão inscritos no Livro de Aço:

- 1- Tiradentes
- 2- Deodoro da Fonseca
- 3- Zumbi dos Palmares
- 4- Dom Pedro I
- 5- Plácido de Castro
- 6- Duque de Caxias
- 7- Marquês de Tamandaré
- 8- José Bonifácio
- 9- Almirante Barroso
- 10- Santos Dumont

Panteão em obras

Inaugurado em 1986, o Panteão está fechado há quase dois anos para reforma. Suspeita-se que os tiros de canhão dados na praça dos Três Poderes, por conta da visita de alguma autoridade estrangeira e troca da bandeira, por exemplo, possam ter facilitado a queda dos blocos de mármore branco que revestem o monumento. Os tiros, que no passado consagraram heróis brasileiros, hoje tiram o sossego daqueles já gravados no *Livro de Aço*. Ao custo de cerca de R\$3,3 milhões, todo o mármore que reveste o panteão, a pira e dois painéis em frente ao monumento serão trocados, assim como as pedras portuguesas da passarela de acesso ao amplo salão de entrada.

Enquanto durar a obra, prevista para ser concluída em junho deste ano, não haverá cerimônias para a inscrição dos novos heróis no *Livro de aço*. Em 2009, para alegria da diretora do Centro Cultural Três Poderes, Clarissa Wagner Reyes, o presidente Lula incluiu mais três nomes no livro, entre os quais a enfermeira Anna Nery, primeira heróina brasileira. "Estava o maior clube do Bolinha", brinca.

Mas o número significativo de heróis pode impor mudanças ao livro. Com os 10 nomes incluídos, o que já dificulta o manuseio do visitante, a previsão é de que os heróis passem a dividir uma mesma página. "A gente tem que pensar no futuro", afirma a diretora. Se depender do Congresso Nacional, a medida será mesmo necessária. Tramitam na Câmara dos Deputados pelo menos 19 projetos com sugestões para inscrição de personalidades no livro dos heróis da pátria. (FF)

Fora do livro

Conheça os heróis que ainda não têm o nome imortalizado no Panteão:

- Anna Nery
- Marechal Manuel Luís Osório
- Sepé Tiaraju
- Brigadeiro Antônio de Sampaio
- Frei Caneca
- Idelfonso Pereira Correia
- Chico Mendes

LÁVIA FOREQUE

Quando o Panteão da Pátria e da Democracia foi inaugurado, em 1986, o *Livro de aço*, que deveria abrigar o nome de heróis brasileiros, ainda estava em branco. Foram necessários seis anos para Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, preencher a primeira página. Ali, o líder da Inconfidência Mineira passou solitário cinco anos, até a inscrição de Zumbi dos Palmares, em 1997, na folha seguinte. Agora, o ritmo da sanção de leis que tratam da inscrição de heróis no monumento da Praça dos Três Poderes indica que o livro pode se transformar em breve numa robusta enciclopédia.

Desde o primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, 12 personalidades receberam o título, entre elas a primeira heróina brasileira, a enfermeira Anna Nery,

homenageada no mês passado. Até então, eram apenas cinco. Apesar do inchaço, a maioria dos novos heróis aguarda ver seu nome cravado no metal. O fato é que a cerimônia de "entronização" do herói exige o empenho de políticos e associações ligadas ao homenageado, explica o professor e pesquisador do Centro Cultural Três Poderes, Ernesto Ilesio de Oliveira. Na verdade, o empenho de setores da sociedade para ver um brasileiro homenageado no Panteão começa ainda nos corredores do Congresso Nacional.

O processo segue um ritual: por iniciativa de um algum órgão ou grupo regional, o nome do candidato a herói é apresentado a algum senador ou deputado federal, de preferência, do estado de origem do homenageado. Após convencer o parlamentar, é preciso torcer para que a proposta não se perca entre comissões

e relatórios. Mas há aqueles que não seguiram o padrão, e a sanção de lei que tornou herói Marechal Osório, comandante do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai, foi um deles. O projeto de lei que deu o título ao militar gaúcho foi sugerido pelo deputado mineiro Bonifácio de Andrada (PSDB). O motivo foi um discurso do parlamentar há pouco mais de três décadas.

Quando se lembrou o centenário de morte do marechal, em 1979, o então presidente da Câmara, Flávio Marcílio, se viu numa situação espinhosa: os deputados gaúchos pleiteavam a honra de subir a tribuna e fazer elogios ao conterrâneo. Andrada conta que, em meio ao impasse, o político preferiu dar a tarefa a algum parlamentar de outro estado — e Andrada foi o escolhido. "Ele ficou numa pressão danada", lembra o mineiro.

No discurso de cinco páginas, Andrada, então do Arena, partido de apoio à ditadura militar, afirmou que "quem analisar a vida do Marechal Osório terá gratas surpresas cívicas ao deparar-se (...) com o exemplo não apenas de um comandante notável, todavia de um herói na aceção plena da palavra". No *Diário do Congresso*, ficaram registradas as "palmas prolongadas" de militares e civis que acompanharam a cerimônia. Décadas depois, o discurso foi lembrado pelo comando militar. "Setores do Exército queriam homenagear o Osório e procuraram um deputado que tivesse algum vínculo com ele", afirma Andrada, agora do PSDB.

"Como tudo na nossa vida, (o processo) é político. Quanto mais força política as pessoas que o representam tiverem, mais suas possibilidades", afirma Ilesio de Oliveira. Diante

dos nomes que compõem o Panteão nacional, o sociólogo Demétrio Magnoli aponta uma certa reverência aos brasileiros com papel importante na Guerra do Paraguai, como o Duque de Caxias, Marquês de Tamandaré, Almirante Barroso e o próprio Marechal Osório. "O Brasil se apegou à sua única guerra verdadeira para criar heróis", afirma Magnoli. O sociólogo defende que a figura do herói produz uma memória oficial do país, uma identidade nacional, ainda que o conceito esteja em constante mutação.

Índio

Diante da lista de heróis nacionais, Magnoli aponta ainda uma tendência à presença de heróis multiculturais e dá como exemplo a homenagem ao índio Sepé Tiaraju e à Anna Nery, que trabalhou como

enfermeira na Guerra do Paraguai. "É no reconhecimento dessas figuras que se constrói certa percepção da identidade e das características do país", afirma Celso Lafer, ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e das Relações Exteriores. Membro do conselho diretor do Projeto Bonifácio, entidade que apoiou o nome do patriarca da independência ao *Livro de aço*, Lafer defende que o aumento de heróis brasileiros deve ser visto com cautela.

"Não se deve fazer um aumento muito significativo. Senão dilui (o conceito)." Em 2007, o presidente Lula sancionou lei que estabelecia padrões para a escolha dos heróis. O texto afirma que somente poderão ser indicados ao Panteão brasileiros que faleceram há pelo menos 50 anos. A norma foi sancionada quatro anos após a publicação de lei que deu o título a Chico Mendes, assassinado em 1988.

Iano Andrade/CB/DA Press - 8/1/10



Panteão da Pátria em reforma: cerimônias com tiros de canhão podem ter prejudicado a construção

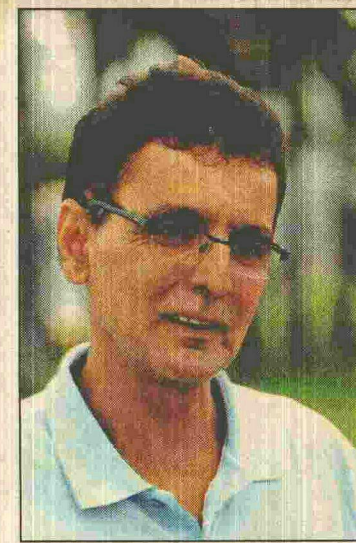
Povo fala

Quem merece o título?



Joaquim Eliseu Vieira, 30 anos, vendedor

"Acho que o Ronaldo merecia, pela garra que ele tem. Torço para o Palmeiras, mas acho que ele merece pelo problema que ele passou com o joelho e ter voltado a jogar. E ele também trouxe o título para o Brasil em 2002. Mas se pudesse dar o título para alguém do Palmeiras, seria o (goleiro) Marcos."



João Eustáquio Borborema, 45 anos, bancário e advogado

"Em Brasília, a gente lembra muito de JK e essa estrutura toda que ele construiu aqui acaba influenciando. Outro político que também merece é o Ulysses Guimarães, pelo papel na Constituinte. Da minha cidade, Montes Claros, acho que o Darry Ribeiro também merece."



Mônica Ferreira Nunes, 26 anos, professora de português

"Acho que um trabalhador da roça, um cortador de cana, merece o título de herói brasileiro. Muitos anônimos são heróis e nem por isso deixam de merecer uma homenagem. Acho que alguém que venceu uma doença, superou as expectativas médicas, por exemplo, poderia ir para o Panteão."